



RUI COSTA

SESSÃO DE HOMENAGEM
COM A PRESENÇA DE

ANDRÉ CORRÊA DE SÁ
MARGARIDA VALE DE GATO
CLÁUDIA SOUTO

NÃO SÃO POEMAS

Não são poemas o que eu escrevo.
São casas onde os pássaros esperam.
Nas suas janelas coincide o mundo.
Nos seus esteios resvalam gigantes.
Algumas vezes ódio.
Algumas vezes amor.
Não são mortaldas incondicionais do medo.
O HÓSPEDE DA CASA NÃO
TEM O DEVER DE SER FELIZ!
Não são poemas que eu escrevo.
São espelhos onde os rostos principiam.

In *A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*,
Prémio Daniel Faria 2005,
Quasi Edições, Maio de 2005, p. 19.

BAR DO ACASO

Escrevo, decerto, por qualquer
razão inútil que não vais nunca entender.
Surtem as frases, vês, desconhecidos
que no bar do acaso encontro e são
as tuas mãos a escrever por mim.

Minto-lhes, digo que só te amo
a ti, eles riem e pedem-me pra ficar,
que sim, que a noite ainda é uma pequena
musa no breve altar venal do coração.
Fico. Dou à boca o jeito do cigarro
e é em fumo que transformo o corredor
de imagens, metáforas, pequenos desvios de
ritmo mais pobre ou queda sempre a pique
em sentido nenhum. Às vezes, sabes, é mais
difícil descobrir que o amor, como o cigarro,
quando se acende é que começa
a iluminar o fim.

In *O pequeno-almoço de Carla Bruni*,
edição bilingue com tradução
para castelhano de Uberto Stabile,
Ayuntamiento de Punta Umbria,
Inverno de 2008, p. 10.

RUI COSTA (Porto, 1972-2012) estudou Direito em Coimbra. Foi advogado em Lisboa e em Londres, tendo concluído mestrado em Leeds. Preparava doutoramento em Saúde Pública no Rio de Janeiro quando desapareceu precocemente. O seu corpo foi encontrado na foz do Douro. Publicou poesia, tendo vencido a primeira edição do Prémio de Poesia Daniel Faria com o livro de estreia *A Nuvem Prateada das Pessoas Graves*. Além de poesia, publicou o romance *A Resistência dos Materiais*, uma peça de teatro escrita com Margarida Vale de Gato, e pequenas histórias, tendo organizado com André Sebastião a *Primeira Antologia de Micro-Ficção Portuguesa* (2008). Em 2017, a Assírio & Alvim recuperou parte da sua poesia na antologia póstuma *Mike Tyson Para Principiantes*.

DIGA33
poesia no teatro
às terças-terças-feiras
de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO



2018
TEATRO DA RAINHA

A PEÇA

A menina à porta do teatro não faz parte da peça. Pelo menos até ao momento em que começo a imaginar-lhe um outro vestido. Ela vê o aproximar-me da porta e quase olha para o escuro da sala: Percebe-se que acabo de fazer uma escolha. Ela agora vai esquecer-se de mim, inventar um homem que entra numa sala como a fugir da luz.

E no entanto é isto que fizemos

sempre.

In As Limitações do Amor São Infinitas,
Sombra do Amor, Junho de 2009.

1

a luz é a metáfora do verbo, a matéria escura. ilumina as paredes da água, é como um vidro com as imagens do avesso. o animal furtivo que instaura a violência, a mãe ao redor do silêncio.

In Breve Ensaio Sobre a Potência,
Língua Morta, Janeiro de 2012.

O Escritor há muitos anos que não era agradável para os Donos e por causa disso foi tomado, como se costumava dizer e ainda se percebe no contexto, de ponta. Por exemplo, dizia: imaginem lá o que aconteceria se amanhã fôssemos levar os nossos aparelhos de televisão à rua e os deixássemos lá em pilha à espera de o tractor os vir buscar e engolir, e depois. Cansem-se, vá lá, usem mais as mãos, dizia ainda. Escrevia isto nos livros como antes nas canções, os livros trocando-se como objectos circulando perante a guarda de todos. Eram palavras chegando carregadas ao Escritor que as devolvia assim: Amanhã encontramos no Parque, levem poesia e música que eu farei o mesmo. Que inocente, disseram, mas talvez isto seja já a força, há a inocência do princípio e a que vem depois, quando já se sabe alguma coisa. As pessoas que já vinham de outros lados, da própria Cidade resguardada, dez ou quinze primeiro e todas as semanas juntando-se mais, e de cada vez sendo mais ainda. Porém não era uma palavra que seguiam. Não queremos uma palavra nova. Não se trata de inaugurar um novo mundo. São muitas as palavras e todas sujas como quem deixa as mãos na terra e nunca nos fala de amor.

In A Resistência dos Materiais,
Prémio Albufeira de Literatura 2007,
7 Dias 6 Noites, Janeiro de 2008, p. 136.

PRÓXIMA SESSÃO 18 DE SETEMBRO

com

HELENA VIEIRA

editora na Mariposa Azul,
organizadora da antologia *Voo Razante*

